

USO DA HISTÓRIA ORAL NA PRODUÇÃO DE UMA NARRATIVA BIOGRÁFICA

PEDRO FELIPE RIBEIRO SILVA
UFCG
pedrofelipersi@gmail.com

ORIENTADORA: ANA RITA UHLE
UFCG
anauhle@gmail.com

RESUMO

O presente trabalho propõe discutir os critérios de utilização e análise dos relatos de história de vida por meio de uma narrativa biográfica. Para tanto, analisamos as experiências profissionais de Maria do Disterro, professora de ensino religioso da cidade de Cajazeiras, Paraíba, a partir de um relato que se afirma dentro de um percurso sequencial, produzindo uma história de vida. Compreendendo a sua formação e os espaços onde atuou, percebendo a sua existência individual dentro de uma superfície socialmente constituída, levando em conta os desencontros e descontinuidades. Assim, o nosso olhar perpassa pelo campo dos novos significados que essa escrita historiográfica adquiriu, como assinala Benito Bisso Schmidt sobre as dúvidas quanto aos atuais desafios da área, exigindo dos historiadores um distanciamento a linearidade cronológica e envolver-se com diferentes temporalidades.

Palavras-chave: História Oral; narrativa biográfica; profissionalização docente.

INTRODUÇÃO

A produção de uma história de vida. Dentro dessa perspectiva o sujeito compreende a sua existência por um caminho linear temporal, onde Pierre Bourdieu sintetiza que “uma vida é inseparavelmente o conjunto dos acontecimentos de uma existência individual concebida como uma história e o relato dessa história” (1986, p. 183). A análise que o autor realiza em torno da produção biográfica se torna um expoente dos cuidados que diversos historiadores procuram ater no ato de criação. Para tanto, o sociólogo francês utiliza o termo ilusão, para demarcar a sedução de uma tradição literária desse gênero da escrita historiográfica.

Produzir uma história de vida, tratar a vida como uma história, isto é, como o relato coerente de uma sequência de acontecimentos com significado e direção, talvez seja conformar-se com uma ilusão retórica, uma representação comum da existência que toda uma tradição literária não deixou e não deixa de reforçar. (BOURDIEU, 1986, p. 185).

Nesse sentido, o seguinte trabalho tem a intensão de realizar discussão teórica em torno das controvérsias que recaem sobre a produção biográfica, que ajuda a compreender a opção por esse gênero historiográfico, que visam analisar as experiências profissionais de Maria do Disterro, professora de ensino religioso da cidade de Cajazeiras, Paraíba, por meio de uma narrativa biográfica. Um arranjo teórico e cuidados metodológicos enriquecedores para o desenvolvimento do meu trabalho de conclusão de curso. É no tocante interior do corpo de sujeitos que constituem o espaço escolar que vai surgir a problematização da nossa pesquisa, abordando a história profissional dessa professora e as suas atuações no processo de ensino escolar, perpassando pelas concepções da temática no campo de estudos da História da Educação, um ponto que voltaremos a discutir a frente no decorrer desse texto.

Esse debate dirigido à biografia histórica consiste em apontar para o receio de uma produção do modelo tradicional de apologia aos grandes vultos e suas práticas, que se empenhou com os fatos, deixando à margem a análise das estruturas socioeconômicas, políticas e culturais. Um olhar mais aprofundado sobre a compreensão desse tradicionalismo, perceberemos o arraigado dinamismo historicista com a funcionalidade de apontar exemplos para sociedade, “era a chamada “historia mestra da vida” (*historia magistral vitae*), que qual cabia ao passado iluminar o futuro” (SCHMIDT, 2003, p. 58). Concebendo o homem, um indivíduo de forma unitária, sendo o centro das indagações dos diversos campos de estudos no processo de transformações do fazer científico no advento da modernidade, esse dado momento é afirmado por um compromisso em selecionar indivíduos relacionados às vitórias militares e a importância de cargos no Estado para descrever de modo coerente um projeto linear da brilhante história de vida dos heróis. Após a consolidação do espaço de produção historiográfica pela *Escola dos Annales* nas últimas décadas do século XX, a biografia que estava assim concebida de modo intrínseco a história política – o principal campo de compromisso da escrita da história tradicional dos séculos XVIII e XIX – é posta a desuso, concebida como essa última, pertencente a uma fase que foi superada. A história política adquiriu nos anos finais do mesmo século dos *Annales* um modo cultural de compreensão que possibilitou um acesso amistoso a essa na nova história. Com isso, um movimento em torno da narrativa biográfica iniciou-se nos anos de 1980 trazendo a essa uma nova roupagem para a mesma. Em ambos os casos, a exposição acima não busca formular um espaço de compreensão dualista, entre defensores tradicionais de uma escrita e progressistas da nova história. A *Escola dos Annales* é o

momento presente da história, e suas contribuições para os avanços desse saber científico são incontestáveis. Para tanto, os historiadores que se enveredaram atualmente pela narrativa biográfica articularam essa escrita à história-problema, característica principal de defesa dos *Annales*, o principal contestador da biografia histórica.

A NARRATIVA BIOGRÁFICA

Diante desse cenário os estudos de Benito Bisso Schmidt nos apresentam elementos que constituem a produção biográfica recente. O enfoque nos personagens é primeiro ponto, não se prendendo aos grandes homens da sociedade, como é observado em toda a trajetória tradicional dessa escrita. A escolha perpassa pela perspectiva de representatividade do “homem-comum”. O autor nos convida a perceber a possibilidade de investigar “os espaços de exercício da liberdade possíveis em uma determinada sociedade” (2000, p. 4), salientando que não busca realizar parâmetros entre classes, ou indivíduos e suas importâncias. Esse último termo é o que menos se leva em consideração nessa abordagem. A *importância*, como objetivo referente à relação do personagem com a sociedade evoca o oportunismo das críticas à narrativa biográfica. Pois é perceptível nas produções atuais o afastamento dessas emboscadas em vista da renovação da escrita. “Isso acontece, geralmente, quando seus autores levam em conta as críticas já feitas ao gênero, procurando integrá-las às suas preocupações.” (2003, p. 65). Fugindo desse apologético meio de destacar indivíduos e suas condutas positivas ou negativas, atendendo os propósitos educacionais das sociedades normativas, o objetivo da narrativa biográfica está pautado nas questões cotidianas do contexto em que os biografados estão inseridos, outro ponto discutido pelo autor. Ao designar “*A ilusão biográfica*”, Bourdieu intitula uma questão muito discutida sobre o gênero, outro ponto examinado por Schmidt, que se refere à forma de construção da narrativa biográfica. Pois a mesma exige dos historiadores um distanciamento a linearidade cronológica e envolver-se com diferentes temporalidades. É um desafio! “Assim, um dos principais desafios dos biógrafos na atualidade é captar os personagens enfocados a partir de diferentes ângulos, constituindo-os não de uma maneira coerente e estável, mas levando em conta suas hesitações, incertezas, incoerências, transformações.” (2014, p. 197).

Entretanto, dentro do viés de múltiplos olhares sobre a História, o gênero biográfico surge como um campo frutífero, que abre espaço para a interação entre a história e literatura, ficção e realidade. Esse é o último ponto examinado pelo autor dos atuais

aspectos de maior discussão referentes à narrativa biográfica. O indivíduo apresentado como possibilidade nesse novo fazer histórico, acompanha uma “tendência” da própria natureza atual do fazer biográfico, tendo como exemplo a própria literatura, em que o romance moderno rompe com esse *indivíduo unitário e seu advento* (SCHMIDT, p. 193). Mas que de forma alguma retira a biografia histórica do seu compromisso científico. “A biografia constitui na verdade o canal privilegiado através do qual os questionamentos e as técnicas peculiares da literatura se transmitem à historiografia.” (LEVI, 1996, p. 168).

O historiador italiano Giovanni Levi aponta uma relação indireta da literatura no que se refere a modelos e esquemas biográficos, que possibilita na sua ótica, uma “renovação da história narrativa” (1986, p.189), no uso de técnicas argumentativas no texto escrito que fazem da pesquisa um ato de comunicação. O mesmo sugere uma tipologia para a produção de um texto biográfico, apresentando as formas de compreender as determinações que pertencem ao grupo social e o espaço de atividade dos atores (a liberdade de ação do indivíduo). Uma *biografia modal*, no qual o indivíduo é a materialização concentrada de atribuições do grupo social ao qual é sujeito pertencente. Em um segundo modelo de produção, propõe a *biografia e contexto*, onde por meio da análise dos comportamentos de um quadro mais amplo desses busca montar um cenário de percepção mais clara do indivíduo. E por último a *biografia e os casos extremos*, de um modo que possa para além dos determinantes sociais, perceber os conflitos decorrentes dessa relação.

A narrativa biográfica possibilita um detalhamento de questões observadas no processo de criação das fontes, “que dê conta dos elementos contraditórios que constituem a identidade de um indivíduo e das diferentes representações que dele se possa ter” (LEVI, 1986, p. 171). Contradições que segundo Mary Del Priori vem sendo resolvida no campo historiográfico por meio da biografia. “Trata-se, portanto, de achar um equilíbrio entre o indivíduo ou o personagem, seu livre-arbítrio, suas intenções pessoais e a escala mais ampla de convenções culturais e “mentalidades coletivas” nas quais ele está imerso.” (2009, p. 11).

Dentro dessa perspectiva de análise do indivíduo e sua relação com a sociedade, Norbert Elias apresenta no seu estudo sobre a história de vida do músico Mozart. Um indivíduo e sua posição social constituída com a alta capacidade de criação artística correspondendo aos modos desejados pelas cortes na Europa. E em meio a isso, a conflituosa relação do indivíduo e sua genialidade incomodada com a estrutura social das

cortes que limitavam os seus anseios. Um percurso de descontinuidades em um conflito relacionado à liberdade de um gênio e as determinações sociais da estrutura aristocrata da corte nos limites em que o sujeito está inserido.

O USO DA HISTÓRIA ORAL

Como se pode ver, a produção biográfica no campo da história é perpassada de discussões referentes aos comprometimentos científicos pautados pelo novo fazer histórico, porém, importantes para se compreender as possibilidades mais interessantes de construir essa narrativa. É nesse sentido que iremos refletir o uso da História Oral durante a pesquisa. Enquanto definição, a historiadora Sônia Maria de Freitas realiza uma série de considerações a respeito da sua utilização em um processo que lhe defini. “História Oral é um método de pesquisa que utiliza a técnica da entrevista e outros procedimentos articulados entre si, no registro de narrativas da experiência humana” (2006, p. 5). Para tanto, as entrevistas possibilitam a criação de fontes com a finalidade de compreendermos o passado, sendo um processo conjunto de análise que envolve documentos escritos e imagens, produzir uma narrativa biográfica. A metodologia não se resume unicamente ao eventual momento da gravação. O método se torna eficaz na sua funcionalidade, quando nos atentamos para os procedimentos anteriores e posteriores a entrevista. Em um primeiro momento a autora nos apresenta um processo sequencial, que envolve a escolha do tema, produzir uma ficha biográfica do sujeito investigado e partir desses dados elaborar um roteiro para a entrevista. Entretanto, apesar da potencialidade de “resgatar o indivíduo como sujeito no processo histórico” (2006, p. 29), a relação que o pesquisador estabelece com o entrevistado, seja nas estratégias que conduzem a gravação, respeitando nesse momento a escolha do local e o tempo de entrevista, quanto aos procedimentos pós-entrevista, na transcrição do áudio e conferência da escrita realizada pelo entrevistado. Espera-se do intelectual o seu compromisso ético com o material adquirido, um respeito pela pessoa com que está trabalhando. Pois a ânsia pela veracidade do saber científico não pode nos fechar os olhos para esses cuidados. Ao observar os cuidados em assegurar esse comportamento Alessandro Portelli, aponta algumas precauções.

Por um lado, o reconhecimento da existência de múltiplas narrativas nos protege da crença farisaica e totalitária de que a “ciência” nos transforma em depositários de verdades únicas e incontestáveis. Por outro, a utópica busca da verdade protege-nos da premissa irresponsável de que todas as histórias são equivalentes e intercambiáveis e, em última análise, irrelevantes. O fato de possíveis verdades

serem ilimitadas não significa que todas são verdadeiras no mesmo sentido, nem que inexistem manipulações, inexatidões e erros. (PORTELLI, 1997, p. 15.)

É importante ressaltar, do modo que a narrativa biográfica é alvo de debate sobre a sua relevância quanto ao conhecimento histórico, o mesmo ocorre com as fontes orais, não sendo aceitas por alguns grupos de pesquisadores. Sônia Maria de Freitas contestando qualquer modo de compreensão subsidiária que posiciona essa fonte à margem do campo de desenvolvimento da ciência histórica.

Para alguns historiadores tradicionais, os depoimentos orais são tidos como fontes subjetivas por nutrirem-se da memória individual que, às vezes pode ser falível e fantasiosa. No entanto, em História Oral o entrevistado é considerado, ele próprio, um agente histórico. Neste sentido, é importante resgatar sua visão acerca de sua própria experiência e dos acontecimentos sociais dos quais participou. Por outro lado, a subjetividade está presente em todas as fontes históricas, sejam elas orais, escritas ou visuais. O que interessa em História Oral é saber por que o entrevistado foi seletivo ou omissivo, pois esta seletividade tem o seu significado. (DE FREITAS, p. 44, 2006).

Um documento não fala por si só, e as informações do seu conteúdo possui uma produção textual composta de elementos, sujeitada por uma escolha. Dentro de uma perspectiva que denomine uma objetividade na documentação escrita, é indispensável perceber o mesmo teor de subjetividade que constitui as fontes orais criadas pelo processo de entrevista.

Além disso, a fonte oral concilia as memórias do passado vivido, em que o sujeito entrevistado relata lembranças de diversas situações vivenciadas de modo coerente, buscando um sentido para sua existência no dado período em que está sendo questionado pelo pesquisador. O mais interessante, é compreender que essa retrospectiva, é mediada pela recuperação de vivências que ocorreram em diferentes momentos do passado, e esse processo caracteriza a memória histórica.

As pessoas não têm em suas memórias uma visão fixa, estática, cristalizada dos acontecimentos que ocorreram no passado. Pelo contrário, existem múltiplas possibilidades de se construir uma “versão” do passado e transmiti-la oralmente de acordo com as necessidades do presente. É nesse momento da narrativa de uma “versão” do passado, que as lembranças deixam de ser memórias para se tornarem histórias. (KENSKI, 2013, p. 58).

No entanto, retornamos ao pressuposto de *ilusão* intitulado por Bourdieu, preocupando-se com o afastamento de produzir uma análise do método estrutural da linguagem simples na compreensão de história de vida, descritiva em etapas, no sentido de “um fim da história”. Compreende-se dessa maneira que a vida é orientada dentro de um

projeto previamente elaborado e transcrito em uma conexão cronológica. Nesse sentido, o exame da fonte oral inicia-se na *situação de investigação*, no momento em que está sendo realizada a entrevista. Onde o investigado percebe-se o momento dentro de um espaço de interrogatório, e fará disso a sua melhor *produção de si*, apresentando uma autoimagem oficial. No momento da escrita, o autor apresenta como proposta a construção de uma *superfície social*, uma avaliação rigorosa que o investigador aplica na descrição da personalidade instituída socialmente. Essa deve ser compreendida na sua *produção de si*, como indivíduo de atributos e atribuições que pertencem a um campo onde diferentes agentes agem em consideração a esse dentro de uma movimentação de sentido. Desse modo, é possível avaliar a relação de pertencimento socialmente instituído da professora Maria do Disterro com as posições ocupadas, compreendendo a apresentação de si dentro do campo educacional onde atuou.

A ABORDAGEM HISTÓRICA

Em razão da “complexidade do campo de atuação dos professores” (VICENTINI, 2009, p. 18), optamos em construir uma narrativa biográfica acentuada por conceitos da História da Educação, referentes à História da profissão docente, discutindo experiências profissionais da professora Maria do Disterro, analisando os dados que foram obtidos nos relatos orais da mesma. Um processo que está intrinsecamente ligado a constituição e desenvolvimento da história do professor que é estudo por António Novóia enquanto categoria profissional.

O ponto inicial dessa investigação foi a Escola Maria Guimarães Coelho, instituição que atua no desenvolvimento da Educação Infantil e o Ensino Fundamental, situada no bairro São Francisco, na cidade de Cajazeiras – PB, que é alvo de uma visão preconceituosa, vinda de grande parte da população da cidade, um espaço escolar invisível que não consegue ser enxergado na sua atuação. Essa percepção foi sendo alcançada durante as oportunidades de atuação que tive na instituição. Em especial uma professora relatou a repercussão de seu remanejamento para essa escola, uma visão distorcida que ela afirmar ser de demais colegas que pertencem a Secretária de Educação do Município. Diante de um cenário de desigualdade social, ao qual o nosso sistema político propicia tamanho choque de realidades, presentes em um mesmo espaço, as experiências desenvolvidas na mesma instituição por meio do Programa Mais Educação (um programa

de ampliação da jornada escolar das escolas públicas no intuito de construir uma educação integral); Estágio Supervisionado; o Projeto de Extensão “*Meu lugar na escola, meu lugar no mundo*”, e o relato dos sujeitos que compõem esse espaço foram desenhando um campo possível para questionar as atribuições da docência e abrangência de espaços dessa atuação.

Em meio a isso, no processo de levantamento das fontes documentais no arquivo da Escola Municipal Maria Guimarães Coelho, o nome da professora Maria do Disterro se destacou consecutivamente por dez anos na admissão do cargo de diretora desta instituição. O passo seguinte foi localiza-la e entender sua relação com a escola. Acompanhando a satisfação de ser convidada a participar da pesquisa essa disponibilizou fotografias que fazem parte do seu acervo pessoal. Diante disso, o sentimento de chegar ao ponto de partida de um trabalho foi alcançado.

Ao observarmos a escola, percebemos um espaço construído por vários sujeitos, que tem na sua trajetória histórica uma variedade de atribuições que vai constituindo esse modelo de instituição educacional da sociedade moderna, existente até os dias atuais como algo necessário para diversos interesses. Hoje ela ocupa as diversas áreas geográficas de agrupamentos humanos. Na área urbana onde ele vai surgir quase como um modelo universal, podemos observar que a escola como espaço educacional faz parte de memórias de uma determinada fase da vida de vários sujeitos, e isso não pode nos levar a crer em um espaço somente de passagens, pois cada sujeito é constituinte daquele espaço, e as suas ações individuais refletidas nas ações coletivas são elementos que constroem a história dessa instituição.

Observa-se na descrição acima, o destaque do nosso olhar sobre dois elementos de investigação, o professor e a escola. A instituição escolar é o espaço construído para a ação do professor no processo de transmissão de conhecimentos que atendem aos interesses do Estado. Essa relação surge na nossa pesquisa como ponto de partida, aproximando-se das referências do campo de análise sobre a profissão de professor. Desse acordo com as pretensões da pesquisa, preocupada com a análise, articulada a perspectiva da história-problema, buscando problematizar o processo de profissionalização da nossa biografada. Nesse sentido, percebemos que “a história da profissão docente permitiria contar a história da escolarização de um ponto de vista que é, ao mesmo tempo, plural e único” (VICENTINI, 2009, p. 20). A instituição escolar possui uma cultura própria que “é efetivamente uma cultura *conforme*, e seria necessário definir, a cada período, os limites

que traçam a fronteira do possível e do impossível.” (JULIA, 2001, p. 32). Evidentemente essa *cultura escolar* se caracteriza em um conjunto de normas, que se estruturam no espaço educativo, compreendido aqui como *campo*, onde reconstruiremos as atuações da professora Maria do Disterro, perpassado de possibilidades e procedimentos institucionais que a mesma se submeteu. Discutindo as condições materiais da sua formação e exercício do magistério. Um processo que está intrinsecamente ligado a constituição e desenvolvimento da história do professor que é estudo por António Novóa enquanto categoria profissional, que é permeada diferenciações.

Em um passado nem tão distante por meio do olhar da temporalidade histórica, os agentes envolvidos no campo educacional brasileiro da década de 1980, partiam de diferentes posições sociais e possuíam um modo de pensar sobre aquele momento. Os agentes que se submeteram ao acesso as vagas de preparação para atuar como professores no ensino do 1º grau, observando as condições objetivas se enveredaram no leque de possibilidades institucionais. A opção desses agentes interagiu com as transformações que a sociedade sofreu com os anos finais do século passado e o advento do novo. Exigindo desses uma atualização de sua prática.

Ao falar de condições, podemos imaginar que ao menos uma geração de docentes, possuísse uma base comum de conhecimentos a partir da instauração de uma modalidade específica de preparação e que esta geração tivesse convivido, durante certo tempo, com uma geração anterior, formada a partir de outras referenciais. (VICENTINI, 2009, p.28)

As condições de formação da professora Maria do Disterro foram propiciadas pelo Colégio Nossa Senhora de Lourdes que realizava a preparação dos professores por meio de um currículo que estava em vigência no país desde a Lei de complementação n. 5.692, de 1971, que aproximou o Curso Normal ao ginásio/colegial, constituindo o curso de Habilitação Específica para o Magistério, que nos anos de 1980, passou por um processo de avaliação de especialistas da área. Havia um desconforto desses ao observar o preparo dos professores que atuavam nas primeiras séries do 1º grau (anos iniciais do ensino básico, modo pelo qual é conhecido atualmente) tendo uma formação estruturada no ensino de 2º grau (correspondente ao atual ensino médio). No livro *História da profissão docente no Brasil: representações em disputa*, Paula Perin Vicentini discute as precariedades da aplicação desse currículo, em que se observa o “modo apressado” (2009, p.49) dessa formação. O Estado buscou dessa forma, garantir algum tipo de preparo que acrescentasse

um número significativo de docentes em salas de aula por todo o país. Um currículo que se submeteu as particularidades regionais para se concretizar.

Em razão disso, a implementação do Curso de Magistério não foi imediata e tampouco se processou nas mesmas condições em todas as regiões brasileiras, o que se tornou necessário prever, na lei, as variações possíveis em termos da preparação para que todos pudessem ajustar-se às normas legais. Desse modo, estabeleceram-se várias modalidades de estudo aceitável para o exercício docente no primeiro grau, sendo a escolarização mínima requerida a Habilitação para o Magistério (curso de 3 anos em nível de segundo grau), que permitia ensinar de 1ª a 2ª séries. (VICENTINI, 2009, p. 50).

A caracterização dos processos educacionais que ocorreram no Brasil no período mencionado acima deve ser verificada a partir de um olhar minucioso sobre a diferenciação dos ritmos de organização de cada região, intrinsecamente associado ao projeto de formação de novas instituições escolares de diversos locais do país, tendo na cidade de Cajazeiras o surgimento de instituições de ensino das séries iniciais do 1º grau de responsabilidade municipal dentro desse contexto. Podemos assim, compreender as condições possíveis de formação pelo qual a professora Maria do Disterro se submeteu, em um processo acelerado de preparação de nível secundário que lhe habilitou atuar nessas novas salas de aula do município.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Observa-se que o uso da História Oral ampliou o processo de construção dessa pesquisa. O encontro com a professora Maria do Disterro foi determinante para a escolha do tema, o seu relato de história de vida, possibilitando a criação de fontes orais que estão sendo cuidadosamente analisadas na produção da narrativa biográfica. Uma abordagem que acompanha o movimento atual do gênero, articulada a história-problema, distanciando-se do pressuposto ilusório, um sinal de alerta que formula o discurso de rejeição dos críticos à biografia. Analisando as vivências no campo profissional de Maria do Disterro, que estão intrinsecamente vinculadas às políticas de ampliação do número de professores desenvolvidos no Brasil com os cursos de Habilitação Específica para o Magistério, possibilitando a sua atuação no processo de institucionalização das novas escolas municipais de Cajazeiras nos anos de 1980, discutindo as atribuições históricas desse papel no ensino.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BOURDIEU, Pierre. A ilusão biográfica. **Usos e abusos da história oral**. Rio de Janeiro: Editora FGV, 1996.

DE FREITAS, Sônia Maria. **História oral**: procedimentos e possibilidades. Editora Humanitas, 2006.

ELIAS, Norbert. **Mozart**: sociologia de um gênio. Zahar, 1994.

JULIA, Dominique. **A cultura escolar como objeto histórico**. 2001.

KENSKI, Vani Moreira. Memória e ensino. **Cadernos de pesquisa**, 2013, 90: 45-51.

LEVI, Giovanni. Usos da biografia. In: FERREIRA, Marieta de Moraes, AMADO, Janaína. **Usos e Abusos da História Oral**. Rio de Janeiro: FGV. 2006, p. 174, p. 167-182.

PORTELLI, Alessandro. Tentando aprender um pouquinho: algumas reflexões sobre a ética na história oral. *Projeto História*. **Revista do Programa de Estudos Pós-Graduados de História**. ISSN 2176-2767, 1997, 15.

PRIORE, Mary Del. **Biografia**: quando o indivíduo encontra a história. *Topoi (Rio de Janeiro)*, 2009, 10.19: 7-16.

REIS, José Carlos. **História & teoria**: historicismo, modernidade, temporalidade e verdade. FGV Editora, 2003.

SCHMIDT, Benito Bisso. **Biografia e regimes de historicidade**. *Métis: história & cultura*, 2003, p. 57-72.

SCHMIDT, Benito Bisso. Biografia: um gênero de fronteira entre a história e a literatura. **Narrar o passado, repensar a história**. Campinas, SP: Unicamp, 2014, p. 191-202.

SCHMIDT, Benito Bisso. Luz e papel, realidade e imaginação: as biografias na história, no jornalismo, na literatura e no cinema. **O biográfico**: perspectivas interdisciplinares. Santa Cruz do Sul: EDUNISC, 2000.